

SEMEADURAS DO CAMINHO DA COMVIVÊNCIA PEDAGÓGICA EM MEIO AO UM MUNDO EM CRISE: RELATOS DE UMA PESQUISA-FORMAÇÃO

Mauro Guimarães¹

Resumo: Este artigo apresenta relatos da etapa de consolidação da formação de educadores ambientais, realizada durante a imersão no Caminho de Santiago, decorrente de uma pesquisa-formação voltado ao desenvolvimento da elaboração teórico-metodológica da proposta formativa da “ComVivência Pedagógica”, realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Palavras Chaves: Educação Ambiental; Formação de Educadores; ComVivência Pedagógica; Pesquisa-Formação.

Resumen: Este artículo presenta relatos de la etapa de consolidación de la formación de educadores ambientales, llevada a cabo durante la inmersión en el Camino de Santiago, como resultado de una investigación-formación en el desarrollo de la elaboración teórico-metodológica de la propuesta formativa de la "ComVivência Pedagógica", llevada a cabo por el Grupo de Estudio e Investigación en Educación Ambiental, Diversidad y Sostenibilidad de la Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Palabras Clave: Educación Ambiental; Formación de Educadores; Experiencia Pedagógica; Investigación-Formación.

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor-Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação.

E-mail: guimamauro@hotmail.com.

Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/538244463032122>.

Para início do Caminho

*“Vivemos no Capitalismo, seu poder parece inescapável.
Assim também parecia o direito divino dos Reis!”*

Ursula Kroeber Le Guin

Nessa caminhada, parto do pressuposto de que o modo de vida² da modernidade está colapsando³, uma vez que vivemos em um mundo em gravíssima crise socioambiental. Portanto, profundas e urgentes transformações são necessárias. Acreditamos, assim, na pertinência de uma Educação Ambiental Crítica, que problematiza uma realidade disjuntiva, constituída por relações de poder desiguais e degradantes, que estruturam o atual modo de vida da sociedade moderna. Defendemos, também, uma Educação Ambiental Transformadora, que dinamize e potencialize, por meio da ação individual e coletiva de pressão social, a emergência de outros modos de vida sustentáveis. Além disso, apostamos em uma Educação Ambiental Emancipatória, capaz de superar as relações de dominação e exploração estruturantes da vida moderna, promovendo em seu lugar, relações horizontais, dialógicas e solidárias, base de um outro modo de vida. Concepções que sempre assumimos em nosso Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação: contextos contemporâneos (PPGEduc) e demandas populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Desde 2013, estamos pesquisando e desenvolvendo uma proposta teórica-metodológica para formação de Educadores Ambientais, que denominamos “ComVivência Pedagógica” (Guimarães org., 2021). Trata-se de um processo formativo que busca, por meio de uma intensa vivência com outras epistemologias e modos de vida, potencializar experiências significativas, referenciadas na centralidade do convívio dialógico entre indivíduos, sociedade e natureza. Nossas primeiras experiências foram com populações indígenas, principalmente da etnia Krahô. Desde então, realizamos imersões em outros modos de vida, como Quilombos, Comunidades Alternativas e na realização do Caminho de Santiago de Compostela, em 2019 e 2024.

Produzimos várias Teses, Dissertações e artigos, oriundas de pesquisas que compreendem o processo investigativo como lugar de formação, em que o pesquisador é simultaneamente sujeito e objeto pesquisado, baseados na Pesquisa-Formação assim concebidas:

² Entendo modo de vida como forma de organização social de grupamentos humanas que, ao longo da história, buscam a sobrevivência, a sua reprodução e meios de viver bem.

³ O modo de vida da modernidade globalizou a degradação ambiental, claramente evidenciada pelas mudanças climáticas, coloca assim em risco a sobrevivência da atual e futuras gerações inviabilizando sua reprodução, como vem também causando o adoecimento da sociedade pela queda da qualidade de vida e ambiental. Tais fatos não propiciam um viver bem desse modo de vida; dessa feita, as crises resultantes manifestam a sua insustentabilidade e indicam um cenário de crise civilizatória.

“Antonio Nóvoa (2004, p. 16) também defende a ideia da dimensão formadora da pesquisa. Para o autor, isso se concretiza quando o formador forma a si próprio, mediante uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formador forma-se por meio das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação)” (Perrelli et al., 2013).

“Em Josso (2004), ... na pesquisa-formação, o pesquisador-formador, ao invés de distanciar-se para tentar controlar e explicar os fenômenos, procura construir significados e sentidos, formar e (trans)formar-se durante a ação da pesquisa. A pesquisa-formação congrega, pois, a dimensão formativa como elemento potencial e primordial da investigação, da qual cada etapa é “uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (Josso, 2004, p. 113)” (Perrelli et al., 2013).

Nessa proposta, temos como objetivo constituir no processo formativo um ambiente educativo, entendido não como um espaço físico, mas como um ambiente de relações e movimentos constituído por cinco princípios formativos, que provocam reações nos educandos em formação; que são eles: Reflexão Crítica; Desestabilização Criativa; Postura Conectiva; Indignação Ética e Intencionalidade Transformadora. Além disso, o processo é orientado por componentes pedagógicos que direcionam as atividades formativas; tais como: Acolhimento; Resignificação; Reelaborando Relações; Práticas Diferenciadas; Resgate da Essência; Rupturas paradigmáticas; Tempo de hiperdistração; Referencialidade Intercultural. Essa formação é vivenciada com base valores fundantes do ambiente educativo: humildade e simplicidade; solidariedade e gentileza. Como estratégia pedagógica culminante, propomos a imersão em um modo de vida diverso daquele dominante na sociedade moderna, como forma de proporcionar um “choque de realidade”; ou seja, uma experiência significativa existencial para o educador em formação.

Portanto, na “ComVivência Pedagógica”, partimos da ideia de experiência de Jorge Larrosa Bondía (2002), segundo a qual, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”. O que pretendemos como experiência significativa converge com o que apresenta Josso em Perrelli et al. (2013): “É no momento intersubjetivo, no encontro entre esses atores e na partilha que o conhecimento é produzido; um conhecimento que se apoia na experiência existencial, cuja intensidade pode produzir conscientização e transformação (Josso, 1991).”. Assim, a “ComVivência Pedagógica” configura-se como uma

proposta formativa coletiva, inserida em um contexto relacional, educativo e vivencial.

Para o processo formativo da “ComVivência Pedagógica”, concebemos uma fase inicial de preparação/fundamentação, que aborda o contexto de colapso ambiental da modernidade, a perspectiva crítica, transformadora e emancipatória da Educação Ambiental, bem como o contexto histórico e cultural da experiência imersiva. Após a realização intermediária da imersão, com o objetivo de vivenciar uma experiência significativa capaz de potencializar processos de transformação, propomos a realização da etapa da Consolidação: momento da formação em que promovemos a troca de relatos escritos e/ou orais das experiências vividas por cada participante, como forma de elaborarmos coletivamente reflexões, conhecimentos, percepções e sentimentos, consolidando significados e sentidos da formação vivenciada. É isso que pretendo nesse artigo: relatar e elaborar as experiências vividas e formativas durante a imersão, bem como os conhecimentos produzidos no âmbito da pesquisa-formação em andamento, realizada na etapa final do Caminho Português de Santiago de Compostela, ao longo dos 120 km entre Valença do Minho (Portugal) a Santiago de Compostela (Espanha), no período de 18 a 25 de outubro de 2024. Trata-se de relatos reflexivos provocados pela “ComVivência Pedagógica” nas experiências do Caminho.

Ensinamentos do Caminho – I

Inicia-se o caminho só ou junto ao seu grupo formado, porém ao longo do caminho se vê a diversidade de pessoas a caminhar, diferentes nacionalidades, culturas, modos de ser, mas com o passar dos metros e quilômetros, dos muitos “Buen Camino”, vai se constituindo uma identidade comum de peregrino, em que muitos como você estão num mesmo rumo, com objetivos comuns. A constituição desta identidade comum gera uma sensação de que não estamos sós e que pertencemos a uma comunidade que te acolhe, se ajuda e te incentiva a vencer dificuldades.

Estamos num mundo hoje do individualismo extremado, da competição e como diz Morin (2003), sobre a perda do sentido de comunidade, e Bauman (2001), da Modernidade Líquida. Mas estamos também diante da gravíssima crise socioambiental, com risco de colapso climático (Layrargues; Sato, 2024), que requer enfrentamento individual, mas sobretudo coletivo, como uma comunidade em risco que precisa juntos buscar a sobrevivência. Como seres sociais que sempre fomos, vivemos a interdependência a um outro, que nos fez como espécie sobreviver da pré-história até o presente. Precisamos reconstruir a percepção que temos um destino comum, um caminho na mesma direção como espécie humana, embarcados em uma única nau, que não há planeta B. Recuperar o sentido de comunidade, de pertença, que nos acolhe, protege e incentiva ao enfrentamento das ameaças. Atentar que hoje, diante de um colapso climático que tanto sofrimento já causa, principalmente aos mais vulneráveis, o nihilismo, a inércia, a indiferença negacionista para não se afetar, já percebido nas novas gerações, é um caminho sem volta para o precipício. Resgatar que temos hoje, mais que há

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 331-340, 2025.

anos atrás, um objetivo comum de sobreviver e buscar caminhos de sustentabilidade que possa nos fazer sonhar. Ressignificar utopias coletivas de uma boa convivência com outro ser/natureza. Que percebamos que na riqueza da diversidade coletiva, da mútua ajuda, possamos ter bem mais possibilidades de transformar os rumos perigosos que seguimos. Vamos, como peregrinos, nos encontrar e caminhar juntos!

Ensinaamentos do Caminho – II

Nesse Caminho, com meus 61 anos já sinto os limites físicos da idade. Com os três primeiros dias de chuva intensa, fiquei gripado; no início do quarto dia, num simples movimento, travei as costas. A ameaça de não conseguir concluir o caminho me colocou a refletir sobre os limites, a persistência para seguir em frente e as possibilidades de um futuro incerto. Me parece que um bom caminho é o equilíbrio do bom senso entre estar consciente dos limites, não perder a persistência para buscar superações e identificar possibilidades do que pode vir a ser para buscar ideais. Como conclusão dessa história, consegui chegar caminhando até Santiago de Compostela.

Creio que estamos num momento histórico de colapso dos rumos civilizatórios. A modernidade nos vende a ilusão de domínio sobre os rumos do futuro; que só esse Mundo é possível e desejável; que tudo está pré-determinado por sua lógica de poder do mais forte, que domina e explora em benefício próprio; que o interesse individual, se for mais poderoso, se sobrepõe ao bem comum. Visão de mundo e modo de viver que gerou um padrão de relações na organização social, em que a dominação, exploração e a consequente degradação revelam-se como causa profunda do colapso socioambiental da dita sociedade moderna, como tratei em Guimarães (2021).

A crise climática, evidência mais concreta e imediata do colapso civilizatório, nos coloca diante do limite da sustentabilidade do rumo societário atual. O determinismo da modernidade nos aponta um “caminho único” (GUIMARÃES, 2004) que aceita apenas pequenos desvios de mudanças adaptativas e mitigadoras, mas sem transformação do rumo seguido. Permanecer nesse caminho nos levará diretamente ao colapso do olho do furacão. Me parece que como educadores buscamos desvelar os limites que se impõe, persistir na mudança de rumo que leve a novas visões de mundo e modos de viver, trabalhando na transformação de estruturas materiais e mentais que abram possibilidades para outros caminhos civilizatórios.

Não deixemos de buscar ideais pelo caminho, de construir possibilidades, persistir conscientemente na superação de limites e, para conseguirmos chegar, caminhemos.

Ensinaamentos do Caminho – III

O caminho começa antes do caminhar, começa quando vamos arrumar nossa mochila. A preparação de deixar para trás e carregar só o necessário é um exercício de desapego ao supérfluo, ao sobrepeso que carregamos na vida. No caminho percebemos que pouca coisa é necessária para fazermos o caminho da vida e sermos realizados e felizes. A roupa necessária para nos proteger do frio, um teto que nos acolha, o alimento que nos fortalece e o sentido de realização e completude que não se faz individualmente. Termos as condições materiais mínimas que dão dignidade ao caminhar e que só tem sentido, se como peregrinas e peregrinos, esse sujeito coletivo, tivermos todos em condições dignas de caminhada.

Nesse mundo falido e em colapso pela extrema desigualdade social, valorização do consumo supérfluo, do individualismo movido pela lei do mais forte, da ostentação material de riqueza como status social, a opção e militância pela vida simples é um caminho disruptor da estrutura que sustenta este sistema. Rompe com a lógica estruturante desse modo de vida, do consumo-produção crescente, da valorização social do poder de consumo, desmonta a arrogância do poderoso. Em contrapartida, nos aponta para a lógica do “menos que é mais”, nos evidencia a felicidade de compartilhar a dignidade e a completude do sentido do “Buen Vivir” da cosmovisão ancestral Andina, em que a vida em plenitude compreende o equilíbrio interno das pessoas (material e espiritual), equilíbrio social com a comunidade e entre comunidades e o equilíbrio com a natureza.

Caminhar pela via da simplicidade é a explicitação de um ato revolucionário, que atua na transformação da estrutura material e mental do sistema dominante, que tanto vem mostrando sua falência. Vamos simplesmente caminhar?!

Ensinaamentos do Caminho – IV

No Caminho, encontros, desencontros e reencontros pelo reconhecimento de sermos peregrinos e caminharmos juntos. Ao nos sentirmos pertencentes a uma identidade comum, mesmo com toda a diversidade de seres, paira uma empatia, uma força que junta e nos coloca solidários em nossos destinos afins, principalmente quando grandes desafios se colocam a nossa frente. Cheguei em Santiago e, nessa semana, mais uma grande tragédia climática; as enchentes em Valência no sul da Espanha. Diante de toda a calamidade e sofrimento, vemos também as reações solidárias de enfrentamento, que colocam vizinhos e estranhos se solidarizando em ações heroicas de superação da ameaça comum.

Os tempos modernos, da visão de mundo disjuntiva, individualista e competitiva que estruturam nosso modo de viver, nos colocam num enorme desafio: enfrentar o colapso climático que ameaça a todos. A prevalência da percepção que somos seres separados, em que a perspectiva individual e corporativa é soberana, nos aprofunda na crise e nos enfraquece. Na pretensa ideia de superioridade das relações de poder, que individualmente somos mais

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 331-340, 2025.

que outros, que dominamos e exploramos o que está externo, pessoas, animais, natureza; pois na verdade, contrário a essa ideia de superioridade, nos enfraquecemos para enfrentar os grandes desafios que se apresentam na atualidade. É justo nas relações solidárias, em que a empatia, afeto e amorosidade, como forças que juntam, que nos fortalecemos e ganhamos ânimo para superação de ameaças. Como educadores, podemos resgatar a noção perdida de outras culturas, a ideia da inseparabilidade da diversidade na unidade; que as diferenças coabitam uma unidade maior; que somos parte e todo ao mesmo tempo; que a diferença não exclui e sim se enriquece na complementaridade. O exercício de relações solidárias em nosso cotidiano é desestruturante do modo de vida que se baseia em individualismo e competitividade.

Que os grandes desafios que temos hoje nos façam perceber peregrinos caminhando juntos com a “Madre Tierra” e que na diversidade nos encontramos na unidade da vida planetária.

Ensinaamentos do Caminho – V

No Caminho, acordamos, nos alimentamos, caminhamos, contemplamos, chegamos, descansamos, jantamos e dormimos, para acordar novamente em um novo ciclo de peregrinação. Um movimento cíclico que nos acompanha por todo o caminho. Uma vivência natural de perceber as mudanças do tempo na pele, a brisa que nos atinge junto a vegetação que nos cerca, o canto dos pássaros que preenche os sentidos, os passos dados na velocidade da escala da vida humana e tempo para reflexão. Uma dinâmica em espaço-tempo que rompe o cotidiano veloz, massacrante e intenso da modernidade de grandes distâncias instantâneas. Nos afastamos tanto da vida natural, dos seus ritmos, da dimensão humana de viver sem estar mediatizado por tecnologias, que criamos uma nova sociabilidade virtual, do mundo da distração digital, que nos atomizam cada vez mais no individualismo por trás das telas e da obtenção do prazer por relações artificializadas e superficiais. Um mundo disjuntivo que sem perceber aderimos e entramos em sua dinâmica própria que nos desumaniza em nosso sentido de seres naturais que somos. Nos adocece na solidão em meio a multidões, nos apavora pela falta de um verdadeiro abraço presencial; um mundo que nos significa apenas como consumidores do mercado de lógica instrumental fria e calculista que, quando não consumidores, exclui. Uma sociedade que adocece em suas múltiplas dimensões de crise num colapso civilizatório que nos desnatura e, portanto, desumaniza.

Se faz urgente e imperativo o reencontro da humanidade com a natureza, buscar sentidos que nos reconectam a sua dinâmica que é nossa também, pois somos natureza. Reestabelecer relações humanas-naturais em que a tecnologia seja instrumento meio e não finalidade da existência do homoeconômico. Como Educadores podemos oportunizar e explorar o reencontro com o natural em nosso cotidiano e das novas gerações; que venham banhos de florestas, escolas desemparedadas, caminhos e mais caminhos. Que nos humanizemos em

relações conectadas, fraternas, prazerosas. Que possamos ser reacolhidos na natureza, reintegrados em uma dinâmica que prioriza a manutenção do equilíbrio da vida, do bem viver em nossa caminhada.

Ensinaamentos do Caminho – VI

No caminho podemos perceber que estamos perdendo a dimensão da escala de vida humana. Quando caminhamos dia após dia, dependente de nossos pés, sem necessidade de grandes recursos técnicos para viver dia após dia caminhado; vivenciando presencialmente o contato com pessoas, plantas, bichos, o sol, a chuva; estando no ali e agora sendo felizes pelos passos dados, percebemos que a vida da modernidade nos distanciou da dimensão da escala da vida humana.

Por meio de uma tecnologia concebida na lógica disjuntiva, vivemos hoje uma virtualidade digital que o tempo da instantaneidade e o espaço globalizado nos tornam reféns de uma dimensão desumanizada em suas relações tecnificadas não humanas. Criou-se um sistema de vida político, econômico e social em que as relações humanas, as necessidades dessa dimensão, não são mais o motivo de nos organizarmos como sociedade. Vivemos assim majoritariamente um modo de vida desumanizante. Indivíduos cada vez mais absortos em redes sociais, distraídos da realidade concreta, cotidiana do tempo-espaço da vida, que na frenética dinâmica doentia da vida moderna, indivíduos e individualizados se tornam passivos diante da realidade colapsando que se apresenta diante de todos nós. Como passageiros vemos pela janela/tela um cenário que passa por grandes mudanças. Sou de uma geração que viveu metade da vida em um mundo analógico, sem computadores e internet, uma realidade que parece hoje inconcebível de ser vivida sem a mediação de toda essa tecnologia. Realmente a vida mudou muito em 30 anos, mas uma mudança que nos distanciou completamente da escala da vida humana e, como seres naturais que somos, da escala da vida da natureza. Essa tecnologia desenvolvida pela mesma lógica disjuntiva que estrutura o modo de vida da modernidade, deixou de ser meio para a manutenção da vida, para se tornar fim das necessidades da vida econômica.

Quando perdemos como sociedade a referência da preservação da vida para a prioridade do lucro econômico, decretamos a falência desse modelo civilizatório; mas com a capacidade de intervenção tecnológica sobre o meio, para muito além da escala da dimensão da vida, o que se apresenta hoje é a degradação socioambiental capaz até de anunciar o risco do fim da vida.

Estamos diante de um enorme desafio e que precisa ser visto em sua radicalidade. Não podemos apenas mudar nos adaptando e mitigando as novas condições de desequilíbrio ambiental que se apresentam em nossas vidas. A gravidade e urgência da situação exige radicais transformações em nossas vidas individuais e sobretudo coletivas. Conscientes do grave risco, da necessidade de nos desapegar desse modo de vida que conhecemos e tanto degrada,

precisamos desejar e lutar por profundas transformações que nos salve, e as próximas gerações, de um mundo ainda muito mais degradado. Como o caminho ensina em sua escala de vida da dimensão humana, a vida simples, relações solidárias e o reencontro com a natureza, são bases sólidas para a estruturarmos um outro mundo possível.

Ao fim da caminhada: colapso, sementeira e a Pedagogia da Esperança.

Acredito, cada vez mais, que o mundo tal como está precisa chegar ao fim. E que, a curto prazo, não há contexto para uma revolução social como foi a comunista de 1917 de imposição imediata de um novo sistema político e econômico. Estou convicto, por uma "reflexão crítica"⁴, de que as estruturas desse mundo se encontram em decadência, colapsando por sua insustentabilidade, tal como ocorreu com outras civilizações ao longo da história. Elas ruirão por suas próprias contradições. O colapso é um período de intenso sofrimento social. Contudo, como educadores, podemos semear outros modos de vida, e que esses movimentos de "desestabilização criativa" ocupem brechas nessa estrutura dominante. Quanto mais potentes forem essas brechas desestruturantes, mais a estrutura se enfraquece e esse mundo sucumbe em sua insustentabilidade. Assim, mais as sementes de um outro mundo podem germinar.

Acredito que essa sementeira é um ato político, carregado de "intencionalidade transformadora" concomitante em nossa esfera privada e pública mais imediata: a que se realiza no cotidiano comunitário. Isso potencializa outras formas de viver baseada em "posturas conectivas" e valores não estruturantes da realidade hegemônica atual. Mas que estejam também conectados e militantes em movimentos contra hegemônicos de atuação mais ampla da esfera pública nacional e global.

As possibilidades de transformações estruturais significativas, geralmente, acontecem num tempo histórico mais longo que o nosso tempo individual biológico. Por isso, acredito que, para darmos sentido à nossa existência e à dos nossos educandos, precisamos viver de forma consciente e radical, atribuindo significado a esse movimento criativo de novas relações estruturantes de uma nova realidade. Isso nos proporciona um sentimento de realização, tão importante para o nosso equilíbrio emocional em um mundo de tantas perdas. Estou dando bastante importância à radicalidade de valorizar a vivência de uma tríade que considero estruturante de outra realidade: a vida simples; as relações solidárias e o reencontro com o natural. Essas são posturas e atitudes disruptivas, pois se contrapõe, por meio de uma "indignação ética", às referências estruturantes desse mundo moderno em ruínas: do consumo desnecessário; da valorização do luxo e status; das posturas individualistas e relações competitivas; da vida mediada pela virtualidade e dominada pelo digital.

⁴ "Reflexão crítica; "desestabilização criativa"; "intencionalidade transformadora"; "posturas conectivas"; "indignação ética" são princípios formativos da proposta da "ComVivência Pedagógica" para a formação de educadores ambientais.

Apostemos no processo criador, na realização de movimentos que anunciem o novo. Na criação de outras possibilidades, mesmo que se concretizem num tempo histórico que nos transcende. Como nos ensina nosso Mestre Paulo Freire na Pedagogia da Esperança de um mundo sem Oprimidos, não percamos a utopia de um "inédito viável" de outro mundo possível e necessário!

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GUIMARÃES, Mauro (org.). **Educação Ambiental e a ComVivência Pedagógica: emergências e transformações no século XXI**. Campinas: Papirus Editora, 2021.

GUIMARÃES, Mauro. **A Formação de Educadores Ambientais**. Campinas: Papirus Editora, 2004.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; SATO, Michèle. **Se o mundo vai acabar, por que deveríamos reagir? - a agenda da Educação Ambiental no limiar do colapso ambiental**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2024.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PERRELLI, Maria Aparecida de Souza; REBOLO, Flavinês; TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins; NOGUEIRA, Elana Greice Davanço. Percursos de um grupo de pesquisaformação: tensões e (re)construções. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 275-298, jan./abr. 2013.